

PEADAR O'GUILIN

«De uma criatividade feroz.
Perfeito para os fãs de A Guerra dos Tronos.»

Daily Mail



THE
CALL
A INVASÃO

TOP
SEL
LER
#BLISS

QUEM SAIRÁ VIVO DESTA ÚLTIMA
CORRIDA CONTRA O TEMPO?

Do Lúcas – ba chóir duit ceann acu a léamh, áfach...

Separar-nos aos dois
É separar as crianças do mesmo lar
É separar corpo da alma

Anónimo, c. 1150, Traduzido por Gerard Murphy



Os ladrões de sepulturas

Aoife salta da enxerga para um chão gelado. *Onde estou? Já... Já cheguei?*
Ocorre-lhe quase como alívio.

Não é a Terra Cinzenta. Ainda não. As palmas das suas mãos encontram as paredes lisas e familiares do ginásio. E à sua volta, os cerca de trinta últimos alunos do Colégio de Sobrevivência de Boyle enchem o silêncio com suspiros e roncos e o ar com o cheiro de corpos raramente lavados e camas improvisadas que chiam.

Talvez esteja febril porque não consegue levantar-se. Tem a cabeça às voltas e curva-se subitamente, mãos sobre a boca, enquanto a náusea lhe devasta selvaticamente as entranhas.

Vai passando até que ela consegue encostar-se à parede, sentindo o suor frio na testa.

— Não... — grita um rapaz adormecido.

— Por Crom, comem-me a cara! — diz outro. É Krishnan, um rapaz de 13 anos tão alto que os pés lhe ficam de fora do colchão.

Os dedos dos pés agitam-se e encolhem-se como se tivessem sido picados com alfinetes.

Os pelos da nuca de Nessa arrepiam-se enquanto, à sua volta, o resto dos miúdos se agita nas camas, com as vozes subitamente mais sonoras, como se cada um deles tivesse exatamente o mesmo pesadelo.

«Sai daqui», diz Aoife a si mesma.

Volta a sentir o vômito a subir-lhe na garganta. O suor frio parece fervilhar-lhe na testa.

Fora! Para fora!

Mas as crianças adormecidas parecem acalmar-se.

Muitos rumores têm circulado a seu respeito desde o ataque dos Sídhe à escola. Rumores que dizem que a Irlanda e a Terra Cinzenta estão mais próximas do que estiveram em séculos. Suficientemente próximas para se tocarem, dizem as pessoas.

É por isso que o inimigo passou a visitá-los com uma frequência muito maior do que o habitual. E Aoife acredita que estes episódios de náusea e de medo que só afetam os jovens se estão a tornar mais frequentes também.

Mas que sei eu?

Decide sair, mesmo assim, esperando que o ar gélido de Roscommon a faça sentir-se melhor.

Encontra o caminho na escuridão, quase como se o fantasma da pobre Emma a conduzisse pela noite. Uma vez fora da porta, Aoife passa pelo vulto sombrio e queimado do edifício do dormitório e percorre o corredor formado pelas duas longas linhas de caravanas, onde os investigadores e arqueólogos vivem. Eles não permitem que «civis» se aproximem do Forte de Fadas que andam a escavar, mas Aoife viu o horror nas suas faces no fim de cada dia de trabalho. Por vezes, os últimos resquícios da sua curiosidade fazem-na querer descobrir de que se ocupam eles na floresta, mas depois ela recorda

o que aconteceu da última vez que o fez e logo se transforma num destroço soluçante. Emma! Pobre Emma!

Uma figura sombria recorta-se diante dela e Aoife ainda teme pela vida o suficiente para soltar um gemido de susto.

— Sou eu. O Nabil.

— Vou dar um passeio — explica, irritada com ele por a ter assustado. — Já não podes impedir-me.

Nabil suspira e Aoife sabe que escolheu as palavras erradas, já que, entre todos os instrutores, Nabil é quem mais se preocupa com os alunos e foi crucial no salvamento das suas vidas durante o ataque.

— Toma, amiga — diz ele. — Leva a minha lanterna. Devolve-ma de manhã.

Aoife sente-se pior ainda por lhe ter respondido mal, mas consegue dizer um «obrigada» baixo. Nabil vai-se, voltando a deixá-la livre.

O vento gélido fá-la bater os dentes. Apenas tem vestido o fato de treino e uma gabardina fina que tem usado como cobertor. Costumava ter Emma para a manter quente e pensa em todas as ocasiões em que disse à amiga que a deixasse sozinha, que a deixasse dormir, como se passassem a eternidade juntas! Como se nada pudesse alguma vez correr mal! Como podia ter sido tão estúpida?

À frente, vê o cemitério. Os funerais nunca são autorizados em colégios de sobrevivência ou restaria pouco tempo para qualquer outra coisa. E os cadáveres dos alunos que morrem são enviados aos pais. Por isso, as poucas sepulturas no terreno do colégio são sobretudo de professores e instrutores. Pessoas sem família ou cujas famílias não os querem de volta.

Além desses, também lá estão os corpos tão horrivelmente alterados pelos Síthe, tanto que se considera melhor dizer aos pais que os cientistas de Dublin os perderam depois de os examinarem.

Os pais de Emma aceitaram esta explicação. Conhecem o seu real significado e têm outra rapariga em casa com quem se preocuparem.

Aoife avança por entre as árvores, voltando a esconder-se do vento. As suas bochechas outrora redondas estão tão frias que até lhe doem. Não sente a mão que segura a lanterna. É nesse momento que ouve cavar. Nenhum animal conseguiria produzir um som metálico tão ritmado. Só os humanos. Gente a remexer o solo gelado de um cemitério no escuro da noite.

Interrompe a sua caminhada. Como é possível que haja alguém ali?

Mas o seu segundo pensamento é de fúria. *São caçadores de recordações*, pensa. Arrastam o corpo de Emma para fora da sua última morada para gáudio de mirones. *Como se atrevem a profaná-la?! Como se atrevem?!*

Corre por entre a vegetação rasteira, saindo da floresta e entrando no cemitério propriamente dito. O terreno escorregadio está duro como granito. Está ao lado do monte de terra por baixo do qual Emma está enterrada, mesmo que seja difícil perceber, pois não há nada a marcar o local.

Detém-se aí, confusa, vendo a sepultura intocada.

A seguir, os pelos da sua nuca eriçam-se. Vira-se, ligando a lanterna por instinto. É antiquada, de corda. Já ninguém fabrica pilhas e a luz é um brilho azul-pálido, mas é suficiente para ver o rapaz à sua frente erguer as mãos para cobrir a cara.

— Quem és tu? — grita ela.

— Chamaram-me Dubhtach. — A sua voz envergonharia um anjo, ao soar tão amistosa e musical. — Pelo meu cabelo escuro. Vês?

Aoife recua, sentindo as pernas fraquejarem. Não é um rapaz quem está à sua frente, claro, mas um homem pequeno. Percebe que a sua pele brilha ligeiramente com a luz da lanterna. E que cada parte dele, dos dedos delicados ao maxilar reto, foi aperfeiçoada pelo deus ou demónio que o tivesse criado.

E segue-a, caminhando em frente com determinação, ostentando um sorriso amplo e acolhedor.

— Deixa a ladra — diz outra voz, de uma mulher. — Temos o que viemos buscar. Devemos engolir agora, enquanto não somos demasiado pequenos. E esta... Sinto-o. Veremos esta *muito em breve*.

Aoife atira a lanterna à cabeça do homenzinho. Fáz-lo recuar um passo e aproveita a distração para fugir, correndo para a floresta para salvar a vida.

Quando volta, uma hora depois, com Nabil e Taaft, encontram o cemitério cheio de buracos e com restos mortais espalhados. Dos Sídhe, não resta qualquer vestígio.

— Para que querem carne podre? — pergunta Taaft. — Os miseráveis começaram a fazer vudu?

— Nunca ouvi tal coisa — responde Nabil. Quando fala inglês, parece muito mais francês do que quando se exprime em sídhe. — Mas não me agrada. É estranho da parte deles, não é? Terão um motivo.

— Eu vou voltar para a cama — diz Aoife. Emma está segura. Era isso o principal.

Seria mesmo? A mulher Sídhe disse que veriam Aoife em breve e sabe o que isso significará. É engraçado como receava tão pouco o Chamado horas antes, por comparação com o que treme agora quando pensa que o seu momento se aproxima finalmente. Esta impressão intensifica-se quando percebe que, durante a sua ausência, um dos poucos sobreviventes do Ano 4, Andy Scanlon, apareceu na sua cama com barbatanas em vez de mãos e apenas com pele onde antes tivera uma cara.

Teria estado ali deitado, às escuras, com o corpo a arrefecer, enquanto Aoife cambaleava lá fora.



Nessa senta-se na parte da frente do autocarro, com um braço à volta da mala a seu lado, como se fosse o seu melhor amigo. Vê a Irlanda passar pela janela.

Hera e ervas daninhas forçam o desmoronamento de casas arruinadas e até as árvores se erguem em triunfo sobre os cadáveres de fábricas e escolas. A beleza daquilo sobrepõe-se a qualquer tristeza. No inverno, os campos verdes garridos são encantadores com as suas capas de geada brilhante e as colinas distantes são pouco mais do que pinceladas de tinta branca contra um céu azul intenso.

Não devia estar aqui para apreciar isto, pensa. Devia estar morta. Mas não está. Não está! Pagou a sua dívida. Nunca ninguém teve de ir duas vezes à Terra Cinzenta.

Passam através de cidades degradadas, habitadas apenas pelos velhos, e é tão raro ver um autocarro funcional que todas as conversas param e muitos são os que acenam. Saberão que há uma sobrevivente recente a bordo? Ficariam mais interessados se soubessem.

Nessa sorri ao pensar nisso. Sorri a todos e a tudo, desfrutando até da passagem sobre os buracos no asfalto e das paragens por causa de gado que bloqueia a estrada e de um mercado em Ardee.

Há outros miúdos com ela. Um grupo de crianças de 10 anos nascidas em janeiro a caminho de um colégio de sobrevivência perto de Balbriggan. Decide que não pensará neles por enquanto, nos 90% que os Sídhe assassinarão nos anos seguintes. Nessa sobreviveu. Vai a caminho de Dublin, pela primeira vez na sua vida, para ver Anto, o rapaz que ama. Como ela, tem 14 anos e voltou da Terra Cinzenta, sobreviveu aos inimigos e com grande parte da sanidade intacta.

Começa a sentir-se tímida enquanto placas ferrugentas assinalam a passagem dos quilómetros. Os pais dele estarão lá? Importar-se-ão se o beijar? Importar-se-ão com os ramos frágeis que, na infância, a poliomielite lhe deixou como pernas?

Decide que não se importarão. Mesmo que possam resistir se tentar levar-lhes o filho para Donegal. Sorri e sente dor nas bochechas por não ter mudado de expressão em horas.

A seguir, o autocarro passa a ponte suspensa perto de Drogheda e a extremidade do lado de Dublin está bloqueada por uma carrinha e por um carro do governo. Param e os miúdos esticam o pescoço para ver o que se passa.

O motorista, com uma barriga que parece constituir nove décimos do seu ser e com o resto preenchido pelo bigode, troca algumas palavras com uma polícia velha antes de se virar para os passageiros.

— Temos de sair todos — grita. — Não demora, está bem? Dez minutos.

Sobre o asfalto esburacado há um grupo de adultos de gabardina que parecem saídos de um filme.

— Alinhem-nos! — diz um homem à frente do grupo. E, a seguir: — Esperem! Não vale a pena. — Dá dez passos até Nessa. Os Sídhe passaram 25 anos a assassinar adolescentes, o que significa

que aquele desconhecido teria idade à justa para ter escapado ao Chamado. Mas não. Há uma tensão nos seus movimentos que sugere que não voltará a conseguir descontrair. Aquele homem viu a Terra Cinzenta. Terá sido um dos primeiros, numa época em que ninguém compreendia o que acontecia. Antes de os conselheiros com formação especial poderem ajudar com o rescaldo.

— É ela, não é? — sussurra as palavras como se lhe queimassem a língua.

Alguns dos primeiros sobreviventes usaram comida para aliviar o trauma. Alguns voltaram-se para as drogas ou deixaram-se arrastar por obsessões bizarras. Outros ainda ficaram reduzidos a nada. Os músculos daquele homem forçam a gabardina até ao limite. É dos que treinarão todos os dias, talvez todos os minutos, desde o seu Chamado.

— Sim, é ela — responde uma mulher jovem. Nessa abre a boca de espanto quando avista a bela e triste Melanie entre os adultos. A rapariga com um buraco no peito. Uma das poucas alunas do Colégio de Sobrevivência de Boyle a sobreviver à destruição da escola.

— Não percebo — diz Nessa. — Senhor...?

— Detetive. Detetive Cassidy — diz-lhe o homem. — Eu é que não percebo. — Tem um maxilar quadrado de herói e os olhos azuis parecem suficientemente quentes para derreter um glaciar. — Como...? — pergunta. — Como pode alguém como tu ter sobrevivido à Terra Cinzenta?

Nessa recusa encolher-se.

— Como você, detetive. Enfrentei os Sídhe e ganhei.

Cassidy vira-se. Puxa do grupo o mais baixo e frágil dos miúdos de 10 anos sem treino. No ar frio, a respiração assustada do rapaz forma pequenas nuvens de vapor, mas tudo o que o desconhecido faz é sussurrar-lhe ao ouvido antes de o empurrar para perto de Nessa.

— O que... que te disse ele? — pergunta Nessa. Nunca se sentiu tão confusa na vida. Deixou o seu casaco quente no autocarro. Precisava de urinar e, pior do que tudo, a euforia que antes sentiu pela proximidade do encontro com Anto dá lugar a algo mais parecido com pânico.

Do nada, o miúdo minúsculo pontapeia-lhe a perna má e fá-la cair ao chão, perdendo o fôlego com o choque contra a terra gelada.

O homem corpulento ergue-se sobre ela.

— Vanessa Doherty — diz, com voz plena de desprezo. — Não poderias ter escapado aos Sídhe. Nem sequer consegues vencer esta criança. Prendo-te por traição. — Nessa sente algemas nos pulsos e não percebe o que acontece. E Anto? Precisa de o ver! — A Nação sobreviverá — diz o homem. — Desconfio que não terás a mesma sorte.



O novo recruta

A estação rodoviária tresanda a tabaco de estufa e ao suor de cem pessoas lutando por bilhetes para as poucas carreiras que restam. Mas, qualquer que seja o seu objetivo, todos param para olhar fixamente para Anto. É aquele braço anormalmente grande. Foram os Sídhe que lho deram, claro, e nenhum dos que o olham compreenderá alguma vez a dor que sofreu às mãos das fadas.

Esse trauma segue-o para onde for. Quer asfixiá-lo e despojar o mundo de toda a alegria. Mesmo assim, Anto sorri. Nessa não deixará que isso aconteça. Algures, um autocarro trá-la para perto dele, com aquele sorriso dela, demasiado brilhante e intenso para ser suportado por qualquer sombra da Terra Cinzenta. Mal pode esperar para lhe mostrar Dublin. Quer sentir a mão dela na sua, a cabeça dela no seu ombro, como na noite em que Nessa arriscou a vida para vir ao seu quarto. Consegue sentir já o calor da sua bochecha no pescoço.

Mas estremece. Duas polícias aproximam-se dele e da família com passos determinados. *Por favor, pensa, que não seja sobre a Nessa.*

Os pais trouxeram-no ali para se encontrar com ela. Não consegui pensar em muito mais durante dias, suportando as provocações da sua irmã de 9 anos e os comentários embaraçosos da sua mãe como: «Vai dormir no quarto de hóspedes. Vou vigiar-te para guardares as mãos para ti!»

Mas a sua mãe também viu as polícias a aproximarem-se e é ela quem lhe aperta o ombro. «Consegues aguentar isto, filho». É o que lhe diz. E tem razão. Nessa suportou olhares durante a vida toda, não foi? Anto não a desiludirá. Endireita as costas, sempre doridas pelo peso acrescido do seu braço gigante.

— Oh! — diz o pai de Anto. — Devem vir dar-te outra medalha por aqueles Sídhe todos que massacraste em Boyle.

— Pai, por favor. Não quero falar disso. — Anto recorda o som de ossos partidos. Os gritos deles, o riso.

As polícias olham uma única vez para o flanco esquerdo do rapaz e acenam com a cabeça. Não se dão ao trabalho de lhe pedir para confirmar a sua identidade, mas a mais jovem, sem ter chegado ainda aos 60 anos, não consegue impedir-se de sussurrar:

— Santo Deus!

A outra é mais rígida.

— O Estado precisa dos seus serviços, Sr. Lawlor.

— Presumo que não se refira a mim — diz o seu pai. As polícias ignoram-no.

— Tem de vir connosco.

— Não percebo — diz Anto. Mal consegue forçar-se a pronunciar as palavras. — Viemos para esperar a minha... hum... amiga. Eu...

— Vanessa Doherty não chegará, rapaz. Disseram-me que a incumbiram de uma missão própria.

Anto não vê Nessa desde que foi a casa para o seu Testemunho e para estar com a família. Custa-lhe aguentar os sonhos e nenhum dos conselheiros consegue ajudá-lo como ela consegue, apenas por

se sentar perto dele, sendo tão... serena. É essa a palavra? Nada consegue abalá-la. Só ele. E só da forma positiva que a faz sorrir e falar do seu estranho interesse em poemas e canções esquecidos.

— Diz que o meu filho tem uma missão, agente? — pergunta o seu pai, enchendo o peito.

Ignora a desilusão dilacerante de Anto, mas a sua mãe sente sob os dedos o acelerar da respiração.

— Não estamos autorizadas a discutir o assunto, senhor. Mas tem de vir connosco. Temos um carro à espera.

— Um carro! — O seu pai mostra-se encantado. Entusiasmado. — Ouviste, filho? Um carro!

— Não quero ir — diz Anto. Não lhe agrada a palavra «missão». Precisa de encontrar uma escola, uma escola real onde os alunos não sejam assassinados. Deve aprender uma profissão e ter tempo para conhecer a rapariga que ama. O seu pai empurra-o delicadamente para as mulheres, mas Anto resiste.

— Queres dar-nos problemas, rapaz? — pergunta a polícia mais velha. — Não esqueças que a tua amiga não vai chegar. Não vais perder nada. — A expressão dela começa a endurecer. Podiam prendê-lo ou até aos seus pais. A Nação fará qualquer coisa para sobreviver.

Que escolha tem?

Pela primeira vez na sua vida, viaja de carro. A viagem leva-os pela velha M1 antes de virarem para estradas mais estreitas, praticamente intransitáveis, com o mar à sua direita.

Uma das polícias está sentada a seu lado no banco traseiro.

— Bonito, não é? O País de Gales costumava ficar algures do outro lado.

O horizonte é engolido pela névoa. Não lhe agrada olhar para aquilo. Ouviu histórias de barcos que saem para o mar e voltam à costa sem qualquer ocupante humano.

A polícia pensará o mesmo.

— Para onde desaparecem os passageiros? — questiona. Mas é impossível que não saiba que o inferno é a resposta. A Terra Cinzenta. Pelo menos, é o que todos dizem. Uma viagem de barco será pior do que o Chamado porque será impossível voltar para casa, vivo ou morto.

— É para onde os enviamos todos — diz ela. — Pomo-los em jangadas ou botes e deixamos que a corrente os leve até à névoa.

— Quem? — pergunta Anto.

— Tu sabes. — Encolhe os ombros, como se a resposta não importasse. — Os criminosos. Os traidores.



A porta da cela está aberta, mas Nessa deixa-se ficar onde está, deitada sobre um colchão duro. Manchas de humidade cobrem o teto e há mil nomes e datas sobrepondo-se nas paredes, camada sobre camada.

«A Effie apanhou o barco.» «Lembrem-se da Cathy – Nada arrependida.» «Isto é um retrato do diretor com uma ovelha.»

Lá fora, uma mulher grita. *É isso o que sinto*, pensa Nessa. *Exatamente.*

Mas ainda não está morta, pois não? Nem acordou no terror da Terra Cinzenta. Em vez disso, trouxeram-na para a ala feminina do que parece ser uma prisão. Nem sequer sabia que existia tal sítio. A Nação não tinha recursos para sustentar criminosos, pois não?

Rosna.

— Não fiz nada.

Mas ninguém a ouve. Ninguém quer saber que devesse ser celebrada como sobrevivente, que devesse esconder a cara no pescoço de

Anto, ensinando-o a rir outra vez. Não. Fora da cela, há apenas gritos e apupos enquanto alguém chora.

— Donut! — grita uma mulher, motivando aplausos. — Donut!
— O choro que se segue não tem fôlego, desesperado, cheio de súplicas que Nessa não consegue ouvir.

Afasta um cobertor fino e caminha cautelosamente até à porta. O que vê parece saído de um filme, de um filme antigo, de uma época em que as prisões ainda não tinham portas automáticas. Dois pisos de celas formando um quadrado à volta de uma área central albergando o que poderia ser uma mesa de pingue-pongue. É difícil perceber com uma multidão tão grande de mulheres em redor, empurrando-se, furiosas e risonhas, enquanto outras mantêm a distância.

— Que se passa? — pergunta Nessa a uma mulher atarracada de cabelo grisalho. — Não há guardas? Isto não é uma prisão? — Nesse momento, a multidão divide-se e vê Melanie, a única cara familiar ali, chorando sobre a mesa. Está nua da cintura para cima. A camisa de ganga que vestia sempre foi arrancada, revelando um buraco no tronco com o tamanho de dois punhos. Tenta manter-se deitada, mas duas mulheres encorpadas seguram-na pelos ombros, erguendo-a enquanto outras se revezam a enfiar-lhe as mãos pelo peito. Acenam e fazem caretas. Alguém tenta enfiar a cabeça e Melanie grita de dor.

— O meu coração! — grita. — Os médicos! Chamem um médico!

Cadeiras sólidas de madeira estão colocadas contra as paredes entre as celas. Nessa pega numa delas, ergue-a sobre a cabeça e atira-a contra a parede, ficando com uma perna partida na mão. O ruído súbito faz as mulheres calarem-se.

— Pelo caldeirão — grita. — Vão matá-la!

As mulheres que seguravam Melanie largam-na e abrem caminho entre a multidão. A rapariga cai sobre a mesa como uma boneca e o que preocupa Nessa é a ausência de esforço para cobrir a sua deformidade.

Mas devia preocupar-se mais consigo mesma.

Quase todas ali foram, nalgum ponto, treinadas para matar. Sobreviveram a horrores além de qualquer coisa que um humano possa imaginar e, a algumas, a experiência ensinou-lhes que a vida não valia nada. Duas das mais fortes estão diante de Nessa. Uma brutamontes ruiva com uma cicatriz no nariz e uma rapariga de pele mais clara, com cabelo platinado e espetado e com o braço esquerdo exposto deformado pela marca da mão de um Sídhe.

— Por Lugh, Mary. — A mulher de cabelo espetado fala na língua do inimigo. — É estranho que a aleijada queira defender aquela pequena aberração, não é? Sobretudo porque é por culpa da Donut que a prenderam aqui.

— Que queres dizer com isso? — pergunta Nessa.

— Tens razão, Ciara — diz a ruiva Mary, sorrindo ao perceber a confusão de Nessa. — A Donut fez um acordo com os Sídhe para a curarem e só confessou quando isso caiu por terra. Diz que há muitos mais como ela. Traidores. Gente que diz ter sobrevivido ao Chamado.

— Só que não sobreviveram, não foi, Mary?

— Não realmente. — Olha para as pernas de Nessa. — Alguns não poderiam ter sobrevivido. Não sem fazerem acordos com o inimigo. Não há outra explicação, pois não?

Olham as duas para Nessa, sorrindo. Com ombros tensos. E é um erro. Como são estúpidas! Demonstrar assim a sua intenção de lutar. Nessa nunca precisou de ganhar balanço antes de esmurrar alguém. Nunca precisou de pensar no assunto. Limita-se a agir.

Ciara cai imediatamente, com uma perna de cadeira num dos lados da cabeça de cabelo espetado. Chega para roubar o equilíbrio a Nessa, mas esta salva-se agarrando-se aos ombros de Mary e cabeceando-a com força no nariz marcado por uma cicatriz. Tombam as duas juntas e, quando Ciara tenta erguer-se, Nessa usa

cada partícula da sua força considerável para apertar o braço da rapariga marcado pelos Sídhe. O som que produz torna claro quanto dói.

Guardas ocupam o espaço, distribuindo pontapés e esguichos de alguma coisa que faz as mulheres gritarem e levarem as mãos aos olhos.

Dois homens põem Nessa de pé e levam-na até ao fundo do corredor, passando um portão de segurança. Está ofegante e não presta realmente atenção ao sítio para onde a levam. Em vez disso, pensa no que as duas rufias lhe disseram. Que Melanie fez um acordo com os Sídhe. Nessa não acredita nisso! Que alguém fizesse tal coisa. *Mas o Conor fez, não fez? Quantos mais poderá haver?*

É assustador pensar que o país poderá estar a abarrotar de gente pronta para trair os seus amigos e as suas famílias perante um inimigo sem piedade. A seguir, Nessa, normalmente tão controlada, grita suficientemente alto para os seus dois guardas pararem.

— Que se passa com ela? — pergunta um.

O que se passa é que só naquele momento percebe como a sua sobrevivência parecerá suspeita. Geme, sentindo as pernas subitamente fracas, e precisa de esforço para conter os vômitos de estômago vazio.

— Pronto, senhorita — diz um dos guardas. Apesar de toda a gentileza no seu tom de voz, nunca descontrai a mão com que lhe segura o braço. — Vamos. Estamos quase lá, sim?

Sente um aperto na garganta como se um punho a apertasse. Não é apenas o facto de todos esperarem que morresse. É muito pior que isso. Porque os inimigos, os Sídhe, a ajudaram. *Ajudaram-na!* Podia contar-se pelos dedos de uma mão o número de pessoas alteradas de forma positiva nos 25 anos anteriores.

Nessa nunca conseguiria provar que a tinham tornado à prova de fogo apenas para manter a promessa feita a Conor, o seu aliado. Salvaram-na das chamas para que só ele pudesse ter a alegria de a

matar. Claro que as pessoas pensam que é uma traidora! Todos pensarão o mesmo.

Os guardas arrastam-na como fariam com um saco vazio, até Nessa, com toda a força de vontade que lhe resta, forçar o medo a abandonar-lhe a expressão. Perceberá o que fazer. Em primeiro lugar, precisa de recuperar o controlo.

— Estou bem — diz. — Aguento-me de pé.

— Ainda bem, senhorita. Mas já chegámos.

Uma porta abre-se e Nessa vê-se num gabinete com um velho atrás de uma secretária. Acena-lhe que pare. A seguir, sorri, mas tem um telefone pressionado contra a orelha e o que ouve fá-lo voltar a franzir a testa.

— Tentem pôr-lhe o coração outra vez a bater — diz. Cada palavra sobe e desce de tom com o sotaque cantado de Cork. Tufos de pelo branco crescem da orelha que Nessa consegue ver e há mais espreitando de cada narina. — Não me importa o que custar! Por amor de Deus, rapaz. Tem 14 anos! É só uma rapariga... O quê?... Não estou a acusar ninguém de nada. Mas vê as coisas assim: é a única testemunha que temos e, se o ministro morrer, enfiar-nos-á aos dois em barcos.

Pousa o auscultador, mas cobre os olhos por um momento com a outra mão. Os pelos do nariz sobem e descem, sobem e descem. A seguir, força um sorriso e ergue o olhar.

— Bom — diz. — Fizeste uma entrada e tanto, rapariga. — Tosse para um lenço de papel e os homens mais jovens que continuam a segurar os braços de Nessa apertam mais, forçando-a a esconder um esgar. — Menos força, rapazes. Por favor!

— Com todo o respeito, senhor — responde um dos homens —, não conhece o treino que tiveram. São sempre perigosos...

— Eu sei, eu sei. Mas não a magoem. Quer dizer, não vai... — Os olhos dele descem para as pernas de Nessa, mas, para seu crédito,

não diz nada além de: — Esperem lá fora, rapazes. Por favor. — Bom — continua o velho quando ficam sozinhos. — Sei quem és. Permite que me apresente. Sou o diretor. O Sr. Barry. Como vês, sou quem manda aqui. Administro a última prisão da Nação. — Espera, e Nessa espera também, mas é melhor que ele naquilo e, alguns batimentos cardíacos depois, o homem acrescenta: — Normalmente perguntam.

— Perguntam o quê, senhor?

— Porque é a última prisão.

— Pensei que não restasse prisão nenhuma, senhor. São... hum, ouvi rumores. — Engole em seco. — De que os criminosos são postos em barcos. — *E os traidores também.*

O diretor acena lentamente com a cabeça.

— Não tem de te acontecer a ti, sabes?

Nessa olha-o fixamente, com a boca seca, não se atrevendo a falar.

— És tão jovem — continua. — Claro que queres viver! E, em tempos mais bondosos, seria exatamente isso o que te permitiriam fazer. Ninguém te poderá censurar por... por quaisquer *acordos* a que tenhas sido forçada.

— Não traí a Nação, senhor.

Olha para as suas pernas inúteis e não para os olhos e, quando volta a falar, Nessa precisa de se inclinar para diante para o ouvir.

— És filha de alguém — diz ele. — E posso dizer-te que é tão certo como existir Deus no céu, que tenho saudades da minha filha e não me teria importado com o que fizesse, desde que tivesse voltado viva. Também gostava de te manter viva, Menina Doherty.

— Pode... Pode fazer isso?

— O nosso país mudou muito desde a minha juventude, rapariga. Mas é inútil olhar para trás, não é? Porque vivemos num sítio muito duro, agora. A Nação faz um esforço desesperado para viver. Está tão desesperada como tu durante o teu Chamado. E, como tu,

fará qualquer acordo ou cortará qualquer garganta para sair disto intacta. Os doentes? Bocas inúteis! Animais de estimação? Uma fonte de comida. Cada árvore bela cortada como combustível e cada estátua reduzida a gravilha para as estradas. E temos esta prisão, para onde ladrões e inúteis são enviados para... para... — Limpa a testa com a mão. — Sabes para onde vão. — Por fim, ergue o olhar e força-se a sorrir. — Mas esta prisão é mais do que isso, rapariga. Também somos uma segunda oportunidade. Se alguém que passa pelas nossas portas conseguir provar o seu valor, poderá ficar. Seja quem for! A pior assassina na história da Irlanda vive dentro destas paredes. Uma cientista. Infelizmente, é... é uma... — Nessa percebe que morde a língua para se impedir de dizer o que estava prestes a dizer a seguir. — Não importa o que é. É essa a questão. O que importa é o seu génio, o facto de ser a maior especialista do país nos Sídh. Matou e, Deus me perdoe, de certeza que voltará a matar. Mas, porque precisamos dela... Bom, se permitimos que alguém como ela viva, porque não faremos o mesmo a uma criança que cometeu um crime por não ter tido alternativa?

— Também tenho de ser um génio, senhor? Para... para viver?

— Não, rapariga. — Sorri. — Para ti, será muito mais fácil que isso. Precisamos só de informação acerca do inimigo. Fala-nos do acordo que fizeste com eles e juro-te que, por cada informação que nos deres, o ministério permitirá que passes aqui mais uma semana. E exigir-lhes-ei mais tempo! Não quero ver-te magoada.

— Senhor... — Nessa encheu os pulmões. A sua vida corre risco, mas acredita que tem à sua frente um homem razoável e capaz de compaixão. — Há só... um problema nisso. Eu... não tenho segredos para partilhar porque não sou traidora. Devia ter morrido, mas...

— Não faças isto, por favor — diz, visivelmente incomodado. — Por favor... Olha. Concedo-te a graça de alguns dias para pensares no assunto. E... darei o meu melhor por ti, Menina Doherty. Prometo-to.

— Mas, senhor. — A sua voz fraqueja. — É a verdade, senhor!

— Não é! — grita. — Porque não podes ser sincera? Não queres viver?

Nessa cambaleia em diante, esticando as mãos para ele porque se importa, vê que sim. A preocupação é clara em cada ruga na sua face envelhecida.

— Para trás! — diz. — Guardas! Chega de mentiras por um dia. Guardas!

Os dois homens entram e arrastam-na pela porta fora.



Infestação

Anto não sabe o que faz no campo. Poucas horas antes, esperava a sua namorada na estação rodoviária. Mas as guardas que o levaram para fora da cidade acabam de o empurrar para dentro de um edifício longo e baixo. Está quente e húmido lá dentro com as expirações de duas dúzias de... soldados. É isso o que são. Homens e mulheres verificando armas à pressa e enchendo sacos de equipamento.

Outrora, antes dos 10 anos, ver aquilo tê-lo-ia entusiasmado. Mas deixou isso para trás. Tudo o que importa naquele momento é que Nessa não está lá. Os seus braços, ao invés de lutarem por ela e a abraçarem, pendem, inúteis.

A corrente de ar da sua entrada atinge os soldados. Em unísono, olham para cima. O ruído dos seus preparativos, o burburinho das conversas, para de repente. Anto sente-se corar com a intensidade da sua atenção.

Viu soldados antes. Não deviam ter o cabelo comprido como aqueles ou enfiar tantas facas de aspeto malévolo no cinto. A sua

experiência diz-lhe que os soldados são homens velhos e atarracados que definham a guardar armazéns, marchando ao lado de comboios de transporte de alimentos que entram nas cidades degradadas. Mas, se muitos ali passaram já dos 30 anos, ostentando cicatrizes, dedos ou mesmo orelhas em falta, parecem tão em forma como qualquer adolescente. Parecem simultaneamente assustadores e assustados. Que estranho. O Chamado sujeitou-os aos seus piores tormentos muito tempo antes. Que poderia possivelmente preocupá-los naquele momento?

Envergam fardas esfarrapadas com manchas verdes e cada um deles tem uma cabeça de veado no ombro. Parece um veado, pelo menos. Anto nunca ouviu falar de um veado com olhos vermelhos penetrantes e dentes longos e afiados.

Uma mulher na mesa mais próxima olha para cima e suspira dramaticamente.

— Oh, meu pobre querido. Procuravas o recreio?

Aproxima-se dele. O seu corpo de meia-idade tem músculos mais do que suficientes e a sua face de pele morena ostenta uma expressão dura, inteiramente contrária à forma como fala, pois a sua voz, o seu sotaque, seriam mais adequados a uma mulher branca de combinação, que joga às cartas e bebe chá enquanto o marido administra um império.

Dá mostras de querer encaminhá-lo para a porta, mas os seus olhos arregalam-se quando veem o braço esquerdo.

— Vejam só — sussurra. — És um jovem cavalheiro peculiar. Corless! — A última palavra é um brado que sobressalta Anto. Convoca um homem enorme e assustador com uma cruz na testa, desenhada a carvão ou talvez gravada.

— Sargento? — troveja.

— Informa o capitão de que recebemos um... um *rapaz*. Por engano.

Afasta-se, obedecendo imediatamente à ordem dada em tom ridiculamente gentil. Quando a mulher se volta novamente para Anto, este vê três palavras tatuadas em coluna por baixo do seu olho esquerdo. Ouviu falar daquele costume, mas nunca o tinha testemunhado. Serão os nomes dos seus filhos. Dos que não voltaram para casa. Força-se a afastar o olhar. Não quer ler o que lá está escrito.

Os olhos escuros dela fixam-se nele.

— Meu querido — murmura. — Não podes ter mais de 15 anos.

— Dezasseis — mente, sem perceber porque o fez. Talvez porque é tão bela e assustadora ao mesmo tempo. Como os Sídhe, mas sendo também o oposto deles, pois é evidente que envelhece.

— Foste treinado para fugir, rapazinho — continua. — E como isso é encantador para ti. Aqui, no entanto... — Falou inglês até àquele momento, mas muda para sídhe. — Aqui, caçamos um tipo de javali diferente. Aqui...

— Deixa-o sossegado, Karim!

Chegou outro homem, suficientemente alto para roçar a cabeça no teto baixo. Com idade suficiente para ter sobranceiras descaídas que ameaçam cegá-lo. Todos lhe saem da frente. Todos menos a sargento Karim. Parece não notar e contorna-a como faria com uma peça de mobiliário com arestas particularmente pontiagudas.

— O novo recruta — diz.

— Um recruta, capitão? Seguramente que não. Diz ter 16 anos. A brigada de infestações não é sítio para crianças, por mais encantadoras que possam ser.

— Que te importa, sargento? — Anto percebe que a mulher o incomoda. — Que nos importa isso? As ordens dizem que vem conosco esta noite.

— Mas fica na camioneta, capitão.

— Claro. Por mim, o rapaz pode ser a nova mascote.

O capitão aponta um banco vazio a Anto.

— Senta-te ali, rapaz. Até estarmos prontos para partir.

— Eu... Disseram-me que tinha uma missão.

— Disseram, por Deus? Uma missão? Muito bem, rapaz. Não atrapalhes e faz exatamente o que te mandarem. Pode ser essa a tua missão. Percebeste?

Não. Anto não percebeu, mas obedece. Não consegue perceber nada do que se passa ali. Não percebe o brilho das armas ou os nervos. Também não percebe a sua presença porque o que Karim disse é verdade. Está ainda a muitos anos de pertencer ali. A sua juventude é um recurso incrivelmente valioso num país moribundo que não pode dar-se ao luxo de desperdiçar o que quer que seja.

Devia aprender mecânica ou agricultura. Devia casar-se e ter o máximo de filhos que pudesse ter. Pelo menos, seria o que o Estado desejaria. Era o que normalmente exigia e a pressão que empregava para assegurar tal comportamento pode ser considerável. Não que alguém precisasse de pressionar Anto! Depois de encontrar Nessa, queria fazer todas essas coisas.

A única coisa que poderia fazer naquele sítio era atrapalhar. A sargento Karim deixou isso muito claro.

— Muito bem! — diz o capitão.

E todos sabem o que pretende, menos Anto. Com expressões severas, marcham pelas portas e sobem para três camionetas, cada uma decorada com o perturbador veado de olhos vermelhos. Motores ganham vida e o cheiro a fritos do *biodiesel* enche o ar.

— Vem daí, rapaz — diz a sargento Karim.

Anto é levado para a última camioneta e empurrado como bagagem até ficar sentado atrás do motorista. Ouve a voz do capitão pelo rádio.

— Avançar!

E partem pela noite dentro. Os soldados segredam uns aos outros numa mistura bizarra de inglês, sídhe e palavras inventadas.

Um deles, um homem magro, com os movimentos nervosos de uma ratazana, toca Anto no seu enorme ombro esquerdo.

— Doeu?

Anto acena afirmativamente. Pareceu-lhe que lhe arrancavam o braço. Não apenas uma vez, mas durante todo o tempo que a mulher Sídhe o tocou. O sorriso dela aumentou enquanto o torturava e sussurrou: «Que maravilha! Um gigante! Há tanto tempo que anseio por um gigante só meu!» São as palavras que ouve em sonhos e que, mais do que uma vez, o fizeram acordar a feder à sua própria urina.

Não quer dizer nada daquilo ao homem magro, mas não precisa de o fazer.

— Chamo-me Ryan — diz o soldado. — Olha. — Curva-se no espaço apinhado para lhe mostrar duas esporas projetadas das omo-platas. Palpitam como se tivessem vida própria. Anto sente o mesmo acerca do seu braço. Sente que não é realmente seu. Que não pertence àquele mundo.

— Queriam transformar-me num pássaro, mas fugi. — O homem estremece, mesmo que tenha acontecido certamente duas décadas antes. — Os médicos não conseguiram cortá-las sem me matarem. Tenho de dormir de barriga para baixo.

Ryan volta a cobrir-se e apertam a mão.

— Obrigado — diz Anto. E é sincero. Porque, por mais inútil que se sinta, passa a pertencer ali.

Percorrem estradas aos solavancos, passando pelas luzes de dormitórios agrícolas que Anto vê apenas pelo fundo aberto da camioneta. Não come há horas e ninguém parece querer oferecer-lhe alguma coisa.

— Onde estamos? — pergunta uma voz rouca. É Corless, o homem enorme com a cruz na testa e a pele brilhante de suor.

— Meath — responde Ryan.

— As piores são sempre em Meath — Corless esfrega a cruz.

— As piores quê? — pergunta Anto.

— Devia ser óbvio — diz Karim. — Infestações, claro. Mas não te preocupes, querido. Terás a grande responsabilidade de vigiar a camioneta. Não deixes ninguém roubar o *diesel*.

Anto baixa a cabeça.

— Não é assim tão má — segreda-lhe Ryan. — A sério. Vais ver. É fantástica. — O soldado não tem tempo para dizer mais nada. É interrompido pela voz do capitão no rádio.

— Paramos junto ao campo à direita. Saíam todos dos veículos. Apaguem as luzes. Seguimos a pé.

No momento seguinte, a camioneta para ao lado das outras duas.

— Para fora — diz Karim. E, enquanto todos se apressam a obedecer, vira-se para Anto. — Espera-nos — diz-lhe. — Podemos demorar a noite toda.

— Está bem.

— E nada de vires atrás de nós pela calada. Alguns dos rapazes e raparigas estão um bocado nervosos e podem disparar. Ficáramos todos devastados com o erro, claro.

— Hum... claro.

Seguir alguém pela calada não é o estilo de Anto. Ao contrário da pobre Emma Roedora ou de Megan. Passará a noite inteira ali, esperando que, de manhã, o enviem outra vez para casa ou, pelo menos, lhe digam para onde Nessa foi. *Onde estará ela?* Mal teve um segundo para pensar nela durante o dia todo.

Os soldados saem das camionetas e nenhum deles diz nada além de ocasionais orações murmuradas. Anto desliza pelos bancos vazios para espreitar pela abertura. Uma lua cheia ilumina muros de pedra cobertos de musgo, com homens e mulheres trepando-os, libertando-se dos ramos que tentam impedi-los sem sequer praguejarem.

Questiona-se acerca do que poderá haver ali.

O tempo passa. Tempo suficiente para a lua se erguer um dedo no céu. Está faminto.

Desde... desde a sua *experiência* que precisa de muito mais comida do que era habitual. É o seu braço que precisa de mais comida. Ou, pelo menos, é o que lhe dizem os médicos. Tem fome suficiente para comer os bancos de madeira, para mastigar as correias de couro, mesmo que seja vegetariano. Mas acabam por ser os tremores a fazê-lo sair. A camioneta não estava construída para permanecer quente e os soldados não tinham pensado em deixar-lhe sequer um cobertor.

Salta para cima e para baixo algumas vezes sobre o gelo na berma da estrada. Gira o braço normal e faz alguns dos exercícios para as costas recomendados pelos médicos enquanto a sua respiração forma nuvens de vapor, escapando entre dentes que batem. A única distração é um coelho que avista, e depois outro, correndo por uma fenda no muro e atravessando rapidamente a estrada.

Ri-se alto. Os coelhos são animais noturnos? Nessa saberia, rural como é. Acrescenta essa pergunta à lista de piadas e comentários que lhe reserva. Mas, a seguir, o coelho salta para o fim da fila da relevância enquanto um novo par de sombras é recortado pela lua.

— Texugos! — exclama. — Por Crom! Por Danú!

Uma torrente de animais espreme-se pela fenda no muro: ratos, uma raposa, mais coelhos, algo que poderá ser uma doninha, uma marta ou Crom saberá o quê. Sobre ele, morcegos, corvos e outras aves de todos os tamanhos e formas. Muito lentamente, o deleite de Anto eclipsa-se.

A brigada de infestações. Aqueles animais todos seriam o motivo desse nome? Seguramente, a vida selvagem no campo prosperaria enquanto a população e a indústria da Irlanda morriam. Mas mesmo sendo um rapaz citadino, Anto sabe que algo está horrivelmente mal ali.

À distância, do outro lado dos campos, ouve um grande estrondo. Seguem-se mais dois, cada um acompanhado por um clarão no

horizonte. Seguem-se estalidos minúsculos, como ramos partindo. Sente o chão tremer pelas solas finas dos sapatos. É um ritmo, algo familiar: o batimento do coração em pânico de uma terra moribunda. E vê-o ao luar: uma mancha negra que rapidamente se torna enorme enquanto os tremores se intensificam.

É só outro animal em fuga, pensa. Que outra coisa poderá ser? Mas a mancha chega ao extremo do campo e o muro de pedra explode. Pedras maiores que a sua cabeça partem a cabina da camioneta mais próxima, rasgando o metal com gemidos agudos, fazendo-a torcer sobre os eixos. Outras pedras voam sobre o chão gelado como se tivessem sido disparadas por um canhão, projetando lascas enquanto ressaltam sobre a estrada.

A seguir, silêncio.

Além da *respiração*. Como um grande fole.

Anto percebe que está de gatas no chão, mas não se lembra de ter caído. Pinga-lhe sangue do couro cabeludo e percebe nesse momento que uma pedra lhe terá acertado. Rasteja até aos destroços, levanta-se e espreita o que há do outro lado.

A primeira camioneta está completamente intacta, mas a segunda foi projetada para o campo vizinho. Anto não perde tempo a pensar no assunto. Como poderá fazê-lo? Toda a sua atenção passou a estar focada no boi. A sua cabeça grande como um penedo move-se para um lado e para o outro com o que será fúria, enquanto muco espesso pinga das suas narinas, suficientemente largas para albergarem o punho de um homem.

Viu carrinhas mais pequenas.

O luar faz-lhe brilhar o couro. Uma parte disso é suor, mas há algo mais escuro, formando uma poça no chão por baixo dele. O animal dá um passo, para longe de Anto, felizmente! E outro passo. Coxeia. Ouve-se um tiro na escuridão do campo e Anto julga conseguir ver o sítio onde atinge a criatura nos quartos traseiros. O boi

ruge. Anto grita quando ouve, cambaleando para trás enquanto a besta se vira e o vê ali.

Investe. Um tanque feito de carne. Os chifres torcidos são mais compridos do que Anto. Dilacera os destroços para chegar até ele, mesmo enquanto lhe sai do caminho, afastando-se. O monstro derapa sobre o gelo no chão, arruinando outro muro antes de dar meia volta para investir novamente contra ele. Ouvem-se mais tiros, piores do que a picada de qualquer moscardo, cada um criando um jorro de sangue e fazendo o monstro rugir e rodopiar à procura do seu inimigo, encontrando apenas, outra vez, o rapaz.

— Não sou eu — diz-lhe Anto. Está habituado ao terror, mas não é isso o que sente enquanto o animal se move novamente na sua direção. Não investe porque não consegue fazê-lo. Mas não desiste.

Balas atingem-lhe o couro. O seu fôlego cria espuma e pensará, se tal animal conseguir pensar, que levará um. Levará só um com ele. Anto chora ao perceber a sua coragem e a sua dor, pois que diferença existirá entre o boi e uma criança caçada na Terra Cinzenta? Sente que têm algo em comum. Claro que sim! Porque um boi daquele tamanho não é uma criatura natural. É tão pouco natural como ele próprio. Torcido por mãos cruéis para se tornar um monstro. Para se tornar violento e perigoso.

Liberta um bramido súbito, um som de dor, traição, fúria. A seguir, investe, baixando a cabeça com o poder de uma bola de demolição. Anto coloca-lhe o seu braço enorme no caminho e é projetado contra os muros de pedra do campo de onde o monstro surgiu.

As roupas de Anto rasgam-se contra o chão gelado. Sangra por todo o lado. Mas, tal como Nabil teria desejado, levanta-se imediatamente, voltando-se para o pobre animal.

Cambaleia atrás dele, deixando atrás de si um rasto escuro. Mais fluido escorre dos olhos tristes, grandes como punhos.

— Rapaz — diz alguém. *Karim*, pensa Anto. Fala em voz baixa e calmamente. — Sai da frente, por favor. Devagar, sim? Sem movimentos bruscos. Dá... um passo ao lado e nós fazemos o resto.

— Não — diz Anto. Em vez de sair da frente, caminha em direção ao boi, erguendo o braço grande à sua frente, mas não como ameaça. Quer mostrar-lhe alguma coisa. *Sou tu. Sou como tu.*

— Rapaz! — Existe raiva na voz de *Karim*. Existe ameaça também. — Teremos de disparar. Por Crom! — E disparam. Todos os sentidos de Anto estão alvoroçados. Ouve as coronhas de espingarda colocadas contra ombros. O movimento das correias de couro.

O monstro parou para observar o braço de Anto, indeciso entre esventrá-lo e mudar de direção. Os seus olhos, os seus olhos enormes, são poços de dor, loucura e esperança que se dissipa.

A seguir, como um saco enorme, cai sobre o chão, emitindo um gemido longo e lento. Mesmo assim, tenta agarrar-se à vida. Um olho segue Anto enquanto este se ajoelha perto da cabeça.

— Desculpa — diz, acariciando-o. — Sinto muito.

No campo atrás dele, uma das mulheres ri-se.

— Por todos os santos! Se quer um bicho, arranje um cão.

Levam-no de volta para a única camioneta que funciona, enquanto a maior parte dos soldados regressa a pé.

— Não voltes a bloquear-nos o caminho! — diz *Karim*. — Devia partir-te essa carinha adorável. — Parece disposta a isso. Como se tivesse prática em fazê-lo. A seguir, funga. — Tremes. Corless, dá-lhe o teu casaco.

— Mas ainda está a sangrar!

— É por isso, meu querido, que não lhe dou o meu. Dá-lho.

Corless abre a boca para protestar mais, mas desliza sobre o banco e é ele próprio quem cobre os ombros do rapaz com o casaco.

— Odeio Meath — resmungua. — As coisas correm sempre mal aqui.

O casaco é suficientemente quente para lhe acalmar os arrepios. Anto acha estranho que os dois únicos sargentos que conheceu tenham sido mulheres. Taaft e Karim. Ambas bastante baixas. Ambas de palavras duras. *Mas os modos de Karim são uma carapaça necessária, pensa, rodeando um núcleo de amor genuíno.* Serve também para afastar a loucura da sua visita à Terra Cinzenta e talvez também a tristeza pela perda dos seus filhos. Sempre suspeitou que o cinismo de Taaft seria sincero.

Mas tudo o que Anto quer naquele momento é falar sobre o boi.

— Como... como ficou assim? Os animais também são Chamados? É Ryan quem responde.

— Pastava. Só isso, rapaz. — Encolhe os ombros estreitos com cuidado para não roçar os cotos de asa contra as costas do banco. — Haveria um Forte de Fadas naqueles campos. Talvez ninguém o tenha reconhecido por se misturar com a paisagem. Ou talvez os agricultores locais não o tenham declarado durante os levantamentos. Talvez tentassem impedir que as suas terras fossem confiscadas.

— Mas... se havia um Forte de Fadas, outros animais terão comido também a erva.

— Claro. Suponho que sim. — Ryan estremece, mordendo os lábios com dentes pequenos e direitos. Recorda alguma coisa a Anto, mas não consegue perceber o quê. — Crom sabe que muitos animais terão sido expostos. Mas é tudo muito aleatório. A única coisa que te posso dizer é isto: passaram a enviar-nos todos os meses sem falha. Costumava ser apenas uma ou duas vezes por ano.

Corless acena com a cabeça.

— Saberias porque aumenta se lesses os Testemunhos.

— Oh! — Ryan acena com as mãos magras. — Não devias lê-los, amigo. Deixam-te sempre deprimido.

— Se os lesses, Ryan, saberias que os Sídhe se gabam muitas vezes de que os mundos estão cada vez mais próximos. E acho que, quanto mais próximos ficam, mais o mal da Terra Cinzenta se infiltra na Irlanda para estragar tudo. É o que acho.

— Mas o boi não era mau — diz Anto. — Não queria magoar ninguém. Estava só assustado.

— Eu também não quero magoar ninguém — diz Corless. — Mas não devias tê-lo protegido. Estamos em guerra, rapaz. Lutamos pela vida. — A seguir, de forma bizarra, o homem corpulento passa a mão pelo cabelo de Anto.

— Garanto-vos, meus queridos — diz Karim. — Se o rapaz voltar a ceder à sua natureza doce, terei muito gosto em amolgar-lhe esse nariz perfeito. Mas ainda não sei porque o enviaram para aqui. Acho que nem o nosso grande capitão sabe. É tudo ridículo demais.

— Mas o Anto é corajoso — diz Ryan. Parece nunca olhar para Karim diretamente. — Tens de admitir isso, sargento. Pôr-se entre a brigada e a presa.

— A coragem não me serve para nada — diz ela. — Se não tiver estômago para fazer mal a uma mosca.

Anto deixa cair a cabeça. Quer a admiração deles, anseia por se gabar dos Sídhe que matou quando julgou que Nessa tinha morrido. Mas o seu corpo inteiro sucumbe a uma convulsão de repulsa quando pensa nisso. Fecha os olhos, procurando uma imagem de Nessa para o ajudar a descontrair durante o resto da viagem.

Suspense, terror, fantasia e uma história de amor com um final feliz... ou talvez não!

SOBREVIVENTES

Nessa e Anto foram dos poucos jovens que conseguiram sair vivos da Terra Cinzenta. Agora, longe da crueldade dos Sídhe, sonham com um futuro feliz a dois.

CAÇA AOS TRAIDORES

Mas um inesperado ataque à escola dá início a uma caça às bruxas. As autoridades não acreditam ser possível sobreviver ao Chamamento e, alegando que os sobreviventes fizeram um pacto com o inimigo, rotulam-nos de traidores. Como punição, Nessa é reenviada para a Terra Cinzenta naquela que parece ser uma viagem sem retorno.

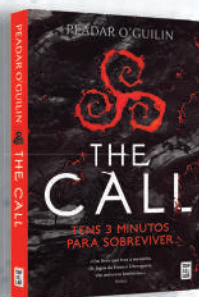
A HORA DA VERDADE

Entretanto, os bárbaros Sídhe dão início a um ataque mortal, com um exército de horror nunca antes visto. Numa autêntica luta contra o tempo, Anto e os últimos alunos da sua escola enfrentam um inimigo sedento de sangue, procurando uma forma de defender o país e de salvar a vida de todos.

DO MESMO AUTOR:

«Uma aventura magnífica que agarra o leitor no primeiro instante.»

The Bookseller



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-84-5



9 789898 869845

Literatura Fantástica